



Práticas Artísticas no Ensino Básico e Secundário,
Julho-dezembro 2013, semestral, ISSN 2182-9756 e-ISSN 2182-9829

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa
Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes

MATÉRIA-PRIMA N. 2

MATÉRIA-PRIMA N. 2

Práticas Artísticas no Ensino Básico e Secundário,
Julho-dezembro 2013, semestral, ISSN 2182-9756 e-ISSN 2182-9829

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa
Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes

Revista **MATÉRIA-PRIMA**

Práticas Artísticas no Ensino Básico
e Secundário, Volume 1, número 2,
julho-dezembro 2013,
ISSN 2182-9756, e-ISSN 2182-9829

Revista internacional com comissão
científica e revisão por pares (sistema
double blind review)

Faculdade de Belas-Artes
da Universidade de Lisboa & Centro
de Investigação e de Estudos
em Belas-Artes

Revista **MATÉRIA-PRIMA**

Práticas Artísticas no Ensino Básico e Secundário, Volume 1, número 2, julho-dezembro 2013, ISSN 2182-9756, e-ISSN 2182-9829

Revista internacional com comissão científica e revisão por pares (sistema *double blind review*)

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa & Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes

Periodicidade: semestral

Revisão de submissões: arbitragem duplamente cega pelo Conselho Editorial

Direção: João Paulo Queiroz

Relações públicas: Isabel Nunes

Logística: Lurdes Santos

Gestão financeira: Cristina Fernandes, Isabel Pereira

Propriedade e serviços administrativos:

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa / Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes — Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal
T +351 213 252 108 / F +351 213 470 689

Composição gráfica: Tomás Gouveia, Inês Chambel

Impressão e acabamento: DPI Cromotipo

Tiragem: 500 exemplares

Depósito legal: 361793 / 13

PVP: 10€

ISSN (suporte papel): 2182-9756

ISSN (suporte eletrónico): 2182-9829

Aquisição de exemplares, assinaturas e permutas:

Revista Matéria-Prima

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa / Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes — Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal

T +351 213 252 108 / F +351 213 470 689

Mail: congressomateriaprima@gmail.com

www.materiaprima.fba.ul.pt



Faculdade de Belas-Artes
UNIVERSIDADE DE LISBOA



Com o apoio



Conselho editorial / pares académicos do número 2

Pares académicos internos:

António P. Ferreira Marques, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), Portugal.
António Trindade, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), Portugal.
Artur Ramos, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), Portugal.
Elisabete Oliveira, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL), Portugal.
João Paulo Queiroz, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), Portugal.
Jorge Ramos do Ó, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL), Portugal.
Luís Jorge Gonçalves, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), Portugal.
Margarida Calado, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), Portugal.
Maria João Gamito, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), Portugal.
Sara Bahia, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL), Portugal.

Pares académicos externos:

Alexsandro dos Santos Machado, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, Pernambuco, Brasil.
Ana Luiza Ruschel Nunes, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Paraná, Brasil.
Ana Maria Araújo Pessanha, Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Universidade Lusófona, Lisboa, Portugal.
Analice Dutra Pillar, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil.
Áurea da Paz Pinheiro, Universidade Federal do Piauí (UFP), Brasil.
Belidson Dias, Universidade de Brasília (UNB), Brasil.
Catarina Martins, Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto (FBAUP), Portugal.
Christina Rizzi, Universidade de São Paulo (USP), Brasil.
Consuelo Alcioni Borba Duarte Schlichta, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil.
Erinaldo Alves Nascimento, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil.
Fernando Amaral Stratico, Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil.
Irene Tourinho, Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil.
Isabela Nascimento Frade, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil.
José Carlos de Paiva, Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto (FBAUP), Portugal.
Lúcia Pimentel, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.
Luciana Gruppelli Loponte, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil.
María Acaso López-Bosch, Universidad Complutense de Madrid (UCM), Espanha.
Maria Cristina da Rosa, Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Brasil.
María Jesús Agra Pardiñas, Universidad de Santiago de Compostela, Espanha.
Marilda Oliveira de Oliveira, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil.
Marta Dantas, Universidade Estadual de Londrina, Paraná (UEL), Brasil.
Mirian Celeste Martins, Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo), Brasil.
Paloma Cabello Pérez, Universidad de Vigo, Espanha.
Raimundo Martins, Universidade Federal de Goiás, UFG, Brasil.
Rejane Coutinho, Universidade Estadual Paulista (UNESP, Campus São Paulo), Brasil.
Ricardo Marín Viadel, Facultad de Bellas Artes, Universidad de Granada, Espanha.
Ronaldo Oliveira, Universidade Estadual de Londrina, Paraná (UEL), Brasil.
Teresa de Eça, i2ADS, Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (FBAUP), Portugal.
Umbelina Barreto, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IA-UFRGS), Brasil.

Mais Matéria-Prima JOÃO PAULO QUEIROZ	More raw materials JOÃO PAULO QUEIROZ	15-21
1. Dossier editorial	1. Editorial section	23-57
Livro didático nas aulas de arte: problema ou solução? CONSUELO A. B. DUARTE SCHLICHTA	The schoolbook in art classes: problem or solution? CONSUELO A. B. DUARTE SCHLICHTA	24-29
O EXPLORATÓRIO — Referencial da qualidade em Educação-Cultura através das Artes Visuais ELISABETE OLIVEIRA	The EXPLORATORY: A quality referential in Education-Culture through the Visual Arts ELISABETE OLIVEIRA	30-43
Creación y formación artística: una relación compleja en el fin del paradigma, memoria y medios JOSEP MONTOYA HORTELANO	Creating and artistic training: a complex relationship to the end of paradigm, memory and media JOSEP MONTOYA HORTELANO	44-57
2. Artigos originais	2. Original articles	59-374
O desejo de ser mar! A arte educação na escola básica brasileira CARLOS EDUARDO FERNANDES JUNIOR	We wish to be like the sea! CARLOS EDUARDO FERNANDES JUNIOR	60-69
Objeto Malasartes e a mudança de foco no perfil de professor de Artes Visuais NEUSA LORENI VINHAS	The Malasartes object and the change of focus on the art educator profile NEUSA LORENI VINHAS	70-79
Os memes na representação de identidades adolescentes: Uma proposta de pensamento acerca do “eu” em uma aula de arte FELIPE ARISTIMUÑO	The memes on the representation of teenager identities FELIPE ARISTIMUÑO	80-88

<p>Vamos fazer um filme! Projeto de investigação sobre novas pedagogias no ensino das artes visuais, literacia visual e média MANUEL FERNANDO DE SOUSA MOREIRA & SUSANA ISABEL DA LUZ RODRIGUES</p>	<p><i>'Lets make a movie' a research project on new approaches to visual arts teaching</i> MANUEL FERNANDO DE SOUSA MOREIRA & SUSANA ISABEL DA LUZ RODRIGUES</p>	<p>89-97</p>
<p>Estéticas del entorno urbano. La experiencia de visualización de la ciudad RICARD RAMON</p>	<p><i>Urban aesthetics. The visual experience of the city</i> RICARD RAMON</p>	<p>98-106</p>
<p>Seres do Outro Mundo SUSANA CONTINO</p>	<p><i>Creatures from the universe</i> SUSANA CONTINO</p>	<p>107-116</p>
<p>Duplo ii: inovação e interdisciplinaridade ANDREIA FILIPA ARMÉNIO DIAS</p>	<p><i>Double ii: inovaton and interdisciplinarity</i> ANDREIA FILIPA ARMÉNIO DIAS</p>	<p>117-127</p>
<p>Retrato e Autorretrato em Sala de Aula — Construção da Consciência de Si e do Outro DORA-IVA RITA</p>	<p><i>Portrait and Self Portrait in the Classroom — Building Consciousness of the Self and the Other</i> DORA-IVA RITA</p>	<p>128-136</p>
<p>Do texto ao stop-motion ANA CANTO</p>	<p><i>From the text to the stop-motion</i> ANA CANTO</p>	<p>137-141</p>
<p>Do cérebro para a mão: dialogar pelo desenho no processo criativo ANA CRISTINA LOURENÇO DE SOUSA PAULO & MICAELA ALEXANDRA TERROSO CARDOSO NORTON DOS REIS</p>	<p><i>From brain to hand / drawing as a dialogue in the creative process</i> ANA CRISTINA LOURENÇO DE SOUSA PAULO & MICAELA ALEXANDRA TERROSO CARDOSO NORTON DOS REIS</p>	<p>142-160</p>
<p>O sentido construtivo dialógico na arte e na educação JEANCARLOS NUNES GARCIA</p>	<p><i>The dialogic constructive way in art and education</i> JEANCARLOS NUNES GARCIA</p>	<p>161-170</p>
<p>Arte como desenvolvimento da literacia crítica SARA BAHIA & JOSÉ PEDRO TRINDADE</p>	<p><i>Art as development of critical literacy</i> SARA BAHIA & JOSÉ PEDRO TRINDADE</p>	<p>171-178</p>

Da sala de aula para o museu: desigualdade e desencontro nas visitas escolares a museus de arte contemporânea MARTA SOBRAL ANTUNES ORNELAS	<i>From the classroom to the museum: inequality and divergence in school visits to museums of contemporary art</i> MARTA SOBRAL ANTUNES ORNELAS	179-188
Convites para Educação da Cultura Visual RAIMUNDO MARTINS & LUCIANA BORRE NUNES	<i>Invitations to Education of Visual Culture</i> RAIMUNDO MARTINS & LUCIANA BORRE NUNES	189-196
Los límites de la ciudad. Reconocer el espacio urbano mediante el arte contemporáneo MARTA NEGRE BUSÓ & JOAQUIM CANTALUZELLA PLANAS	<i>The city limits. Recognizing the urban space through contemporary art</i> MARTA NEGRE BUSÓ & JOAQUIM CANTALUZELLA PLANAS	197-207
Explorando la construcción del género en la cultura visual IDOIA MARCELLAN BARAZE & AINHOA GÓMEZ PINTADO	<i>Exploring the construction of gender in visual culture</i> IDOIA MARCELLAN BARAZE & AINHOA GÓMEZ PINTADO	208-217
Anjopa Seitpa-Vatsal. Reconstrucción de una experiencia educativa ELOI PUIG & EUGÈNIA AGUSTÍ	<i>Anjopa Seitpa-Vatsal: remaking an educative experience</i> ELOI PUIG & EUGÈNIA AGUSTÍ	218-227
Experimentações com desenho no ensino básico NÁDIA DA CRUZ SENNA	<i>Experimenting with drawing in primary</i> NÁDIA DA CRUZ SENNA	228-236
Relato sobre o Projeto ‘Pintura na Fachada’ idealizado por uma professora/artista e seus desdobramentos reflexivos MARIANA SOARES LEME	<i>Report on the Project “Painting the façade” designed by a teacher / artist and their unfolding reflective self</i> MARIANA SOARES LEME	237-244
Ver e criar na contemporaneidade: relacionar professores, alunos, artistas, curadores e espaços culturais num objetivo comum LUÍS CARLOS FERNANDES RIBEIRO	<i>View and create in contemporaneity: relate teachers, students, artists, curators and cultural spaces in a common purpose</i> LUÍS CARLOS FERNANDES RIBEIRO	245-255

<p>Olhares das crianças sobre a cidade Natal GILVÂNIA MAURÍCIO DIAS DE PONTES & SANDRO CORDEIRO</p>	<p><i>A child's perception on the city of Natal</i> GILVÂNIA MAURÍCIO DIAS DE PONTES & SANDRO CORDEIRO</p>	<p>256-266</p>
<p>Desafios e possibilidades de igualdade racial no Brasil — O ensino da Arte na construção da cidadania ROSEMAR GOMES LEMOS & ANA PAULA BATISTA ARAÚJO</p>	<p><i>Challenges and opportunities for racial equality in Brazil — Teaching Art in building citizenship</i> ROSEMAR GOMES LEMOS & ANA PAULA BATISTA ARAÚJO</p>	<p>267-278</p>
<p>Histórias do Piauí: a arte de contar ÁUREA DA PAZ PINHEIRO & RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO</p>	<p><i>Stories of Piauí: the art of storytelling art teachers</i> ÁUREA DA PAZ PINHEIRO & RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO</p>	<p>279-284</p>
<p>Era uma vez e para sempre: a narrativa no ensino de artes e literatura IVANA SOARES PAIM</p>	<p><i>Once upon a time and for good: narratives in teaching arts and literature</i> IVANA SOARES PAIM</p>	<p>285-293</p>
<p>Registos Gráficos e o Teatro-Fórum na Dimensão Artística do Núcleo do Aprofundamento (3º Ciclo) NUNO ALEXANDRE MARREIROS FRANCO</p>	<p><i>Graphic Reports and the Forum-Theatre within the Artistic Dimension of the in Depth Class (3rd Cycle)</i> NUNO ALEXANDRE MARREIROS FRANCO</p>	<p>294-299</p>
<p>Espaços Urbanos: da concepção à concretização TIAGO BORGES PEREIRA</p>	<p><i>Urban Spaces: from conception to completion</i> TIAGO BORGES PEREIRA</p>	<p>300-310</p>
<p>Exploração do contexto urbano de implantação da escola como matéria-prima projetual CRISTIANA FERREIRA ESTEVES</p>	<p><i>Exploration of the school's urban implementation context as a projetual raw material</i> CRISTIANA FERREIRA ESTEVES</p>	<p>311-320</p>
<p>Memória, Objeto e Lugar: Descobrir-se e Desdobrar-se na Arte, na Educação e na Vida VERA LÚCIA MARTINS & RONALDO ALEXANDRE DE OLIVEIRA</p>	<p><i>Memory, Object and Place: Discovering and Unfolding the Person in the Arts, in Education and in Life</i> VERA LÚCIA MARTINS & RONALDO ALEXANDRE DE OLIVEIRA</p>	<p>321-333</p>
<p>Metamorfoseando a formação de professores de arte: implicações do PARFOR MARIA IRENE PELLEGRINO DE OLIVEIRA SOUZA & ROBERTA PUCCETTI</p>	<p><i>Metamorphosing training teacher of art: implications of PARFOR</i> MARIA IRENE PELLEGRINO DE OLIVEIRA SOUZA & ROBERTA PUCCETTI</p>	<p>334-342</p>

Práticas artísticas digitais em Artes Visuais com alunos da Educação Básica: o computador como ferramenta e hiper-ferramenta ANA LUIZA RUSCHEL NUNES & SANDRA BORSOI	<i>Digital art practice with young students: the computer as tool and hyper tool</i> ANA LUIZA RUSCHEL NUNES & SANDRA BORSOI	343-352
Arte em interação com a comunidade: percurso do Laboratório de Iniciação e Criatividade em Artes / Escolinha de Artes da UFSM REINILDA DE FÁTIMA B. MINUZZI	<i>Art in community interaction: trajectory of the Laboratory of Initiation and Creativity in Arts / Little School of the Arts of the UFSM</i> REINILDA DE FÁTIMA B. MINUZZI	353-362
O processo de aprender fazendo na práxis educativa dos professores de artes visuais MARGARETE B. NICOLOSI SOARES	<i>The process of learning by doing in the educative praxis of the professors of visual arts</i> MARGARETE B. NICOLOSI SOARES	363-375
3. Desafios da Matéria-Prima	3. The challenge of the raw materials	377-400
Instruções aos autores	<i>Instructions to authors</i>	378-381
Manual de estilo da Matéria-Prima — meta-artigo	<i>Matéria-Prima style guide — meta-paper</i>	382-386
Notas biográficas — Conselho editorial & pares acadêmicos	<i>Editing committee & academic peers — biographic notes</i>	387-397
Chamada de trabalhos: III Congresso Internacional Matéria-Prima	<i>Call for entries: 3rd Matéria-Prima International Congress</i>	398-399
Assinaturas	<i>Subscriptions</i>	400-400

Estéticas del entorno urbano. La experiencia de visualización de la ciudad

RICARD RAMON

Espanha, jefe del Departamento de Arte Humanidades y Ciencias Sociales del Colegio Hermes. Doctor por la Facultad de Filosofía de la Universitat de València (UV). Licenciado en Historia del Arte (UV). Licenciado en Bellas Artes por la Universidad Politécnica de Valencia (UPV). Master en Gestión Cultural (UPV).

Artigo completo submetido a 28 de junho e aprovado a 10 de junho de 2013.

Resumen: La comunicación plantea un conjunto de reflexiones de carácter estético y de sus implicaciones educativas, producto del análisis de una serie de trabajos de alumnos de educación infantil, primaria y secundaria, con un nexo y objetivo común: generar una narrativa personal hacia la propia ciudad y el entorno urbano en el que viven.

Palabras clave: ciudad / entorno / experiencia / miradas / cotidiano.

Title: *Urban aesthetics. The visual experience of the city*

Abstract: *The communication raises a set of aesthetic reflections and educational implications that result from the analysis of a series of works by students in nursery, primary and secondary schools, with a common goal: to create a personal narrative of the city and urban environment in which they live.*

Keywords: *city / environment / experience / observations / daily life.*

Introducción. La experiencia del entorno urbano

La experiencia artística y educativa de la que partimos en este artículo, se centra de una forma especial, en el acercamiento experiencial y estético hacia el entorno propio y próximo en el que desarrollan su vida y sus principales actividades biográficas, el alumnado de todo un centro de educación infantil, primaria y secundaria, su propia ciudad y las calles, plazas, jardines y otros espacios públicos de su barrio.

Se analizan, en este texto, los resultados de un proyecto de varios meses de duración, que implicará a todos los alumnos y alumnas del Colegio Hermes, centrado en el análisis e interpretación visual del entorno propio del barrio en el



Figura 1. Se vislumbra la percepción de los elementos de la ciudad asociados a sus experiencias positivas, a través del color, los árboles del parque; y las experiencias negativas y que no sienten propias, visualizadas en los grises, del tráfico y los vehículos. Fuente propia.

que residen, el barrio de Patraix en la ciudad de Valencia, ciudad mediterránea, situada al este de la península ibérica.

El texto se centra en el análisis y aproximación hacia el resultado de estos trabajos, que son el reflejo de las múltiples visiones que los alumnos y alumnas construyen del entorno de su propia ciudad, a través de los medios plásticos, visuales y artísticos, que mejor les permitan formular su propia percepción del entorno, y de sus experiencias vitales con este, en múltiples sentidos.

Tanto la experiencia, como el proceso de investigación y reflexión derivados, parten del modelo de estética pragmatista que propone la línea teórica de John Dewey (2008) y Richard Shusterman (2002), basada en la propia experimentación de las relaciones del alumnado con su propio entorno, el reflejo de esa experimentación en el lenguaje visual y la interacción conjunta de todas las narrativas construidas, que a su vez generan nuevas formas de experimentación de ese mismo entorno (Figura 1).

A pesar de ello, vamos un paso más allá y hacemos confluír nuestro análisis en la propia experimentación hacia la obra, y en la consideración como obra de los trabajos del alumnado, valorando de esta forma la propia experiencia del arte como la experiencia educativa producida en los alumnos, tanto en el proceso de experimentación de relación con el entorno, como en su conversión a propuesta artística, con la que legitiman su discurso.

De este modo, resulta esencial fomentar procesos y prácticas de experimentación estética, con el entorno cotidiano más próximo e inmediato, y para ello



Figura 2. La presencia del yo individual y la afirmación de la propia identidad, se superpone frente al espacio urbano, que se vincula a los elementos de la naturaleza. Fuente propia.



Figura 3. Trabajo de una alumna que ofrece la visión y relación que ella establece, respecto a su experiencia y percepción, con un artefacto visual del entorno urbano, interpretado como negativo y asociado a elementos externos como la destrucción de la naturaleza. Fuente propia.

hemos de generar estrategias que rompan con la propia percepción de lo que se percibe como cotidiano, para reformular esa percepción hacia lo extraordinario, aspecto que favorece la predisposición hacia la experiencia estética y el propio aprendizaje.

El diálogo de múltiples vías de relación con el entorno, que se establece entre los alumnos y la propia ciudad en la que viven, entre los alumnos y las visiones que son capaces de reflejar esas experiencias, la interrelación entre las distintas visiones de unos y otros alumnos, y la percepción de un público adulto, padres, familiares y profesores, generan un conjunto entrelazado de experimentaciones de relación estética con respecto a la ciudad, que amplían nuestra capacidad de comprensión y nuestras formas de aproximación hacia ese entorno, desde la vivencia de la experiencia estética.

1. Reconstrucciones y visiones personales

Uno de los aspectos que los alumnos y alumnas han trabajado de forma más intensa en las miradas e interpretaciones de respuesta hacia el entorno urbano de la ciudad y de su barrio, ha sido vincularlo a experiencias y facetas de su propia vida y sus relaciones e interacciones personales. No debemos perder de vista

que uno de los objetivos de la educación artística es fomentar la vinculación, la continuidad del arte con la propia experiencia de vida, y con las narraciones personales que refuerzan la propia construcción de la identidad personal.

Es entre el alumnado de infantil y los primeros cursos de educación primaria, donde más se percibe la referencia hacia aspectos directamente vinculados con la propia identidad y experiencias personales y afectivas, y en muchos casos, son ellos mismos los protagonistas activos de sus narraciones visuales, acompañados habitualmente de las personas más unidas a ellos, padres, familiares, amigos, etc.

Escenas visuales donde el alumno o alumna es el centro de la acción, interactuando con los elementos del espacio urbano, parques y jardines prioritariamente, proyectando habitualmente, una mirada amable hacia ese espacio, que se percibe como propio y vinculado a situaciones afectivas y vitales de enorme importancia en el proceso de construcción identitaria de la propia personalidad, vinculada de manera directa a esos espacios urbanos de interacción, que son visualizados y reforzados a través de la creación plástica (Figura 2).

Como muy acertadamente escribía Kerry Freedman en este sentido, no debemos pasar por alto la importancia del arte en el proceso educativo y de construcción identitaria:

Los efectos de las imágenes dan forma al concepto que el individuo tiene de sí mismo, e incluso dan forma a la noción de individualismo. El individuo se apropia de características de las representaciones visuales, y las adopta como representaciones de sí mismo (Freedman, 2006: 27).

2. La mirada crítica hacia el entorno

El análisis crítico de su propio espacio urbano, aunque requiere un mayor grado de madurez, tanto en el proceso de observación y análisis del espacio, como en el de la elaboración de una propuesta visual, que sintetice ese malestar crítico, no estuvo en absoluto ausente, entre las problemáticas visualizadas por los alumnos y alumnas en sus trabajos, aportando críticas en ocasiones incluso duras.

Entre los aspectos que consideran más negativos de sus relaciones de experiencia con su propia ciudad, aparecen algunos de carácter genérico, aplicables a casi cualquier entorno urbano de tamaño medio, como la problemática de la contaminación ambiental y acústica, visualizada a partir de diferentes recursos visuales, como el ejemplo de la Figura 3. En este caso, se utiliza la presencia de un surtidor de gasolina próximo a la casa de la joven autora, para ofrecer una visión profundamente negativa de su experiencia de la ciudad, y convertir su propuesta en un mensaje universal, que trasciende las problemáticas locales.

Sorprendentemente, algunos de los trabajos, –obviamente entre el alumnado



Figura 4. Los profesores del centro y las protestas sociales en defensa de la educación, se convierten en los protagonistas de la visión del espacio urbano de este alumno. Fuente propia.

de secundaria-, no olvidaran algunas problemáticas sociales y de la actualidad del momento, que ellos y ellas vincularán con su propia experiencia de la ciudad y del entorno. En algunos casos encontramos una asociación de ideas muy interesante, entre el espacio público urbano y la protesta social. Una identificación del espacio colectivo y público de las calles, como lugar natural para expresar las desavenencias hacia determinadas decisiones del poder establecido.

En este aspecto podemos ver en la Figura 4, como algunos de los mismos profesores del centro, se convierten en los protagonistas de la visión del alumno, autor del trabajo, que se hace eco de las protestas del sistema educativo contra los recortes del gobierno y las deudas acumuladas y no cumplidas, que afectan a la calidad de la enseñanza, lo que repercute en la propia vida del alumnado. Algunos de ellos son capaces de verlo con claridad y transmitirlo en sus obras, juzgando que en su experiencia de vida, esa problemática social resulta vital y la convierte en su tema y preocupación principal.

Otro trabajo de los presentados y expuestos en el proyecto, iba más allá en su asociación crítica y propuso vincular un espacio urbano próximo, un cuartel de la Guardia Civil, uno de los cuerpos de policías del estado en España, con una figura de la actualidad política local, el entonces presidente del gobierno autonómico, que estaba imputado en un caso de corrupción, y que se convierte en el protagonista de su propuesta, tratando de huir del edificio policial. Una muestra contundente de las relaciones que los alumnos son capaces de generar entre el espacio circundante y la realidad que les toca vivir y a la que no son en absoluto ajenos.

3. Propuestas utópicas y fantasías urbanas

Otro de los aspectos más interesante y sorprendente, del análisis de las propuestas plásticas del alumnado, lo encontramos en aquellos trabajos que, no satisfechos con quedarse en una aproximación crítica respecto a aquello que no les agrada o les disgusta plenamente, proponen, es decir, construyen una alternativa propia que reconvierte el espacio hacia sus propios intereses personales o comunitarios.

Englobados en aquello que entendemos como propuestas utópicas, los alumnos y alumnas, proponen reconstrucciones ideales del espacio, que plantean alternativas visibles, profundamente creativas e imaginativas, superando la estricta visión de intereses que impone la propia realidad diseñada por los gestores urbanos y políticos, y en la que, a la vista del análisis de las obras de los jóvenes, resulta demasiado agresivo para ser identificado como espacio identitario propio. El espacio es reconstruido, a través del arte, funcionando, como método de adaptación de la propia realidad, hacia las verdaderas necesidades vitales del ser humano, de los niños y niñas que participaron en el proyecto educativo (Figura 5).

En este tipo de trabajos, las narrativas de reconstrucción, necesitan de un intenso proceso de exploración y conocimiento del entorno, para llegar a la conclusión de que nada, o casi nada puede ofrecerles este espacio, para satisfacer sus anhelos e intereses identitarios, y pasar a construir una nueva alternativa que sustituya y renueve la propuesta y el mensaje que reciben de la ciudad, que les resulta a todas luces insatisfactoria. Un proceso, que por sí mismo, nos permite indagar en la profunda seriedad en la que deben ser tomadas las obras de nuestros alumnos, si les da la oportunidad para que juzguen y propongan, en un marco de relaciones adecuado y legitimado, y se supera la visión de la consideración de sus propuestas como simples trabajos escolares, con la finalidad de aprobar una materia.

4. Reforzando el valor estético del entorno

Son muchos los trabajos de especialistas en educación artística que inciden en sus estudios y proyectos en la importancia de la experiencia estética del entorno urbano, de los que se nutre en parte este proyecto. En unos casos planteando el paseo y el encuentro con la ciudad como experiencia educativa (Agra, 2007) o concibiendo la ciudad como un museo vivo (Huerta, 2008), digno de ser experimentado y gozado estéticamente.

En un gran número de trabajos, se percibe de forma clara esta interpretación estética, centrando y destacando en sus propuestas visuales, una mirada más profundamente estética, entendida en el sentido de desinterés o de interés

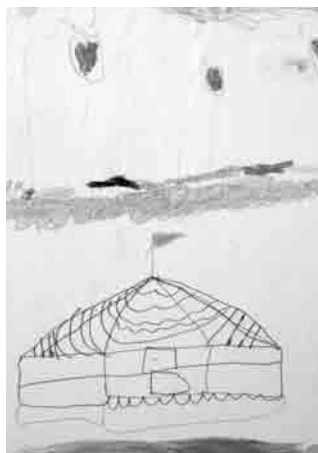


Figura 5. Reconstrucción utópica del espacio, proponiendo una alternativa más acorde con la identidad del joven autor. Fuente propia.

Figura 6. Una obra que se identifica de manera positiva con el entorno y refuerza su valor estético e identitario, con la propia presencia de la autora. Fuente propia.

Figura 7. Trabajo que sintetice una iconografía de identidad personal adolescente muy fuerte, junto a una identificación hacia el espacio y una crítica de determinados elementos del mismo. Fuente propia.

Figura 8. Sala de Exposiciones del Ayuntamiento de Valencia, Biblioteca de Patraix, en la que fueron expuestos los trabajos del proyecto. Fuente propia.

prioritario hacia los valores plásticos y artísticos. Aunque no exentos de algo de crítica e idealización, este grupo de trabajos plantea una visión de la ciudad, mucho más amable y positiva que algunas de las otras líneas de exploración del entorno planteadas y analizadas en este texto (Figura 6). Se percibe una mayor integración de este grupo de alumnos y alumnas, hacia el propio entorno, en un diálogo de mutuo reconocimiento recíproco con la ciudad, extraen de ella aquello que mejor pueden mostrar, y muestra también esa adaptación de la identidad individual y grupal de estos alumnos hacia el espacio en el que viven.

A modo de conclusión. Una experiencia identitaria

El resultado de la experiencia de visualización e interpretación de la ciudad, tuvo como colofón una exposición colectiva de todos los trabajos del alumnado, generando una visión global de una parte de la ciudad, en función de los criterios personales e identitarios, de las miradas de percepción, reconstrucción e identificación de esos espacios. Como muy bien argumenta Lilian Amaral, respecto a los lugares y espacios en general:

La percepción del lugar no depende de la forma en la ciudad sino de la mirada del lector capaz de superar el hábito y percibir las diferencias: una mirada que se gira sobre la ciudad para percibir sus dimensiones y sentidos que establecen el lugar como frontera entre la ciudad y el sujeto atento (Amaral, 2009).

Esa frontera entre ciudad y sujeto, se traslada a las propuestas plásticas de más de 300 alumnos y alumnas, que nos muestran sin complejos, con profunda sinceridad, asimilando y haciendo suyo el proyecto, entendiendo a la perfección los objetivos, sin censura, ni intervenciones que desviarán al alumnado de sus propósitos, un rico universo, reflejo de su posición frente al propio espacio.

Existe además, inevitablemente, en todos esos trabajos, una fuerte impronta personal y de construcción de la propia identidad, no sólo de cómo ven ellos y por tanto de cómo se sitúan ellos y ellas frente a su propia realidad urbana, vital y existencial, sino también de cómo se muestran, o deciden mostrarse, ellos mismos, como construyen sus propios relatos visuales, que acaban siendo retratos de una parte de sí mismos y de su relación con los demás (Figura 7).

La exposición final de todos los trabajos, supuso llevar un paso más allá el desarrollo del proyecto, en varios sentidos. Por una parte, exponer en un espacio museo, una sala de exposiciones temporales del Ayuntamiento de la ciudad de Valencia, fuera del restringido ámbito escolar, ponía en valor las propuestas plásticas de los alumnos, legitimaba su discurso frente a la comunidad, y hacía públicas sus propuestas visuales (Figura 8). De esta forma, el alumnado tomaba conciencia de que su trabajo era importante e iba a ser tomado en consideración

y valorado por mucha gente, ajena al mundo escolar y escapando a la dictadura de las calificaciones y premios académicos, conectando con la vida real.

Sentían que su obra y su creación servían para algo más trascendente, y por tanto, sentían la justificación y el valor de un instrumento como el arte, tradicionalmente menospreciado, como elemento de acción, interpretación, construcción y reconstrucción del entorno y de sus propias identidades frente a este. Sentían que alguien, un conjunto de personas, les daba una oportunidad para decir cosas, y que además esas cosas iban a ser tomadas muy en serio, solo por el marco y el espacio en el que iban, en el que fueron, realmente expuestas.

Por otra parte, poner en relación todas las visiones en conjunto, ofrecía un amplio abanico a la propia reflexión de sus propias visiones, confrontadas con las del resto de sus compañeros y compañeras de diferentes cursos y edades, lo que les permitió comprender también la pluralidad de formas de entender y comunicarse con los mismos espacios, vivenciados de maneras tan diferentes. En esta experiencia, se ponen en juego conceptos como diversidad, pluralidad, comprensión mutua y tolerancia respecto a la diferencia.

El público adulto, profesorado, familias, y vecinos del propio entorno urbano de la ciudad analizada por los alumnos, también tuvieron la oportunidad de participar en esa reflexión conjunta sobre la estética del espacio urbano común, visitando la exposición, poniendo en valor y relación esos trabajos en diálogo visual, certificando que los niños y niñas también tienen, y mucho más importante, saben, decir cosas sobre su propio entorno, saben tomar partido en una u otra dirección, y deben ser escuchados en las decisiones que afectan a la colectividad, y todo ello simplemente, con un instrumento tan simple y poderoso como es el arte, y los procesos educativos que podemos tejer a través de la imagen visual y plástica.

Referencias

- Agra, María Jesús (2007) "Creando situaciones. El cuaderno del paseante." En Huerta, Ricard & De la Calle, Román. (Ed.), *Espacios Estimulantes*. Valencia: Universitat de València.
- Amaral, Lilian (2009) "Museo abierto: entre visualidades y visibilidades. Tejiendo Redes y Miradas de Afectos. De los Fragmentos a las Constelaciones". *Arteterapia — Papeles de arteterapia y educación artística para la inclusión social*, 4, 225-238.
- Dewey, John (2008) *El arte como experiencia*. Barcelona: Paidós.
- Freedman, Kerry. (2006). *Enseñar la cultura visual. Currículum, estética y la vida social del arte*. Barcelona: Octaedro.
- Huerta, Ricard (2008) *Museo tipográfico urbano. Paseando entre las letras de la ciudad*. Valencia: Universitat de València.
- Shusterman, Richard (2002) *Estética pragmatista. Viviendo la belleza, repensando el arte*. Barcelona: Idea Books.